

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE MATEMÁTICA

Luciano Machado Marins

**PERSPECTIVAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Porto Alegre

2012/2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE MATEMÁTICA

Luciano Machado Marins

**PERSPECTIVAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado junto ao curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Egger Moellwald

Porto Alegre, 2012/2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE MATEMÁTICA

Luciano Machado Marins

**PERSPECTIVAS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA NA
EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Orientador: Prof. Dr. Francisco Egger Moellwald

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Barbara Seelig Pogorelski

Prof^a. Dra. Lucia Helena Marques Carrasco

Porto Alegre, dezembro de 2012.

AGRADECIMENTOS

À minha esposa, Aline, e meus filhos, Davi e Laura, pelo incentivo e motivação para chegar até o final do curso apesar das dificuldades e das diversas oportunidades nas quais o convívio familiar foi afetado.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela oportunidade de estudar em um dos melhores cursos de Matemática do Brasil.

Aos colegas de curso pelo companheirismo e amizade.

Ao meu chefe de trabalho, Luiz Maurício Dihl Bitelo, pelo incentivo e compreensão determinantes para a conclusão deste curso.

Às professoras Bárbara Seelig Pogorelsky e Lucia Helena Marques Carrasco, componentes da banca examinadora.

Ao professor Francisco Egger Moellwald, por aceitar participar deste trabalho como meu orientador e por todo o auxílio prestado e os ensinamentos compartilhados.

Como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento.

Paulo Freire

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso consiste em um estudo acerca das condições de trabalho de professores de Matemática da Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental, bem como suas percepções sobre suas atividades e sobre o convívio com os estudantes. Toma-se como referencial teórico as Propostas Curriculares da EJA do Ministério da Educação, livros e periódicos que tratam do assunto. Através de entrevistas realizadas com professores da rede municipal do município de Canoas, Rio Grande do Sul, faz-se uma breve análise sobre a atividade profissional destes docentes, bem como seu sentimento quanto ao trabalho com esta modalidade de ensino e seu grau de satisfação com a atividade profissional que exercem.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; EJA Adolescente; Docência em Matemática;

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. ESTUDO DOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EJA.....	10
3. AS ENTREVISTAS.....	23
3.1 O Início.....	23
3.2 As Perguntas.....	24
3.3 Análise das Entrevistas.....	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43
6. APÊNDICES.....	44

1. INTRODUÇÃO

No decorrer de minha graduação no curso de Licenciatura em Matemática desta universidade tive contato direto com a escola noturna. Como aluno do curso noturno e pelo fato de trabalhar durante o dia e ter unicamente o período da noite para cursar minhas disciplinas acabei tendo a oportunidade de realizar as práticas de ensino em escolas que ofereciam cursos à noite. Na maioria das instituições por onde passei o ensino oferecido era na modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Por esse contato tive a oportunidade de viver um pouco da realidade desse ambiente escolar que é peculiar e possui características diferentes do ensino regular. Quando cursei meu último ano do Ensino Médio o fiz à noite. Entretanto a realidade da minha escola era muito diferente das que encontrei nas escolas onde realizei minhas práticas de ensino e das escolas onde colegas de curso, com os quais trocava informações, realizaram as suas. Havia no meu último ano do Ensino Médio – que era técnico e profissionalizante – uma motivação diferente por parte dos alunos e também dos professores, a respeito da qual pretendo fazer uma análise no decorrer deste Trabalho de Conclusão de Curso. O fato é que desde que me envolvi com as disciplinas de prática docente notei algo de diferente do que estava habituado a ver e esperar de uma escola.

A questão da Educação de Jovens e Adultos sempre me inquietou durante os trabalhos de prática de ensino nas escolas. Essa diferença do que estava na minha memória de estudante do ensino fundamental e médio para o que eu presenciava nas escolas no ensino da EJA resultou em alguns dos meus ensaios feitos durante os estágios.

Meu objetivo com este trabalho, no entanto, se dirige a uma abordagem diferente da que tive nos estágios de docência. Como um concluinte do curso de Licenciatura em Matemática, me interessa muito a questão do professor no cenário da Educação de Jovens e Adultos. Quais suas opiniões sobre esta modalidade de ensino? Quais suas inquietações? Que satisfação ele encontraria em trabalhar com a disciplina de matemática na EJA?

Muitas vezes, no decorrer das práticas de ensino, tive a sensação de existir certo desânimo por parte de alguns professores baseado em seus relatos sobre os alunos e suas aulas. Também verifiquei uma descrença dos professores na

capacidade e na vontade de seus alunos em aprender, o que me motivou ainda mais a escrever sobre este tema. Através de entrevistas com professores de Matemática da Educação de Jovens e Adultos, desejo verificar se ainda há interesse em continuar ensinando para esses alunos e quais as expectativas desses professores para o futuro da EJA e de seu trabalho.

Esse Trabalho de Conclusão de Curso traz a busca de uma perspectiva diferente da que tive a oportunidade de conhecer para a docência com jovens e adultos. Ao final do Trabalho poderemos verificar a possibilidade desta perspectiva.

2. ESTUDO DOS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EJA

Como princípio deste trabalho recorri a uma publicação oficial para conhecer o discurso do Governo Federal e do Ministério da Educação sobre o Ensino de Jovens e Adultos e como se espera que seja a formação de um aluno na EJA. Da Proposta Curricular da Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental do Segundo Segmento¹ do Ministério da Educação do Brasil (BRASIL, 2002a), vemos que há mais de 35 milhões de pessoas maiores de 14 anos que não possuem ao menos quatro anos de escolaridade.

Este seria um primeiro número do contingente potencial de alunos que poderiam estudar na Educação de Jovens e Adultos. Somados a estes temos ainda as pessoas de mais idade que também possuem poucos anos de escolaridade e têm a necessidade de uma formação que seja suficiente para conseguir um emprego que supra suas necessidades financeiras básicas para o sustento de suas famílias.

O ensino em Educação de Jovens e Adultos então se faz necessário no Brasil como uma alternativa para que estes cidadãos possam dar prosseguimento em sua formação a fim de atender à demanda cada vez maior por pessoas com boa qualificação. Uma questão básica para um país que busca o seu desenvolvimento.

Segundo a Proposta Curricular da Educação de Jovens e Adultos do Segundo Segmento (BRASIL, 2002a), aprender matemática é um direito básico de todos e uma necessidade individual e social de homens e mulheres. As habilidades de calcular, medir, analisar informações estatísticas, entre outras, são requisitos necessários para se exercer a cidadania. Isso demonstra a importância, para o governo, da matemática na formação de jovens e adultos.

No entanto, um ensino baseado na memorização de regras ou de estratégias para resolver problemas, ou centrado em conteúdos pouco significativos para os alunos certamente não contribui para uma boa formação matemática. Quando, porém, estimula a construção de estratégias para resolver problemas, a comprovação e a justificativa de resultados, a criatividade, a iniciativa pessoal, o trabalho coletivo e a autonomia advinda da confiança na própria capacidade para enfrentar desafios, a matemática contribui para a formação dos jovens e adultos que buscam a escola. Ou, ainda, quando os auxilia a compreender informações, muitas vezes contraditórias, que incluem dados estatísticos e a tomar decisões diante de questões políticas e sociais que dependem da leitura crítica e da

¹ No ano de publicação da Proposta Curricular o Segundo Segmento do Ensino Fundamental correspondia ao período entre a 5ª e a 8ª série. Hoje correspondentes ao 6º e 9º ano.

interpretação de índices divulgados pelos meios de comunicação. (BRASIL, 2002b, p. 11)

O aluno que precisa matricular-se na EJA para completar sua formação básica geralmente tem dificuldade de reconhecer informações baseadas em dados estatísticos ou que envolvam interpretação matemática. O estudo desta disciplina se faz necessário para que estes alunos consigam compreender melhor muitas questões que fogem do seu convívio habitual.

Em geral, o aluno da EJA vive uma história de exclusão, o que limita o seu acesso a bens culturais e materiais (BRASIL, 2002b). Através do estudo este aluno tenta se libertar desta situação de exclusão. O currículo de matemática para jovens e adultos deve contribuir para a criação de condições para que o aluno se torne agente transformador do seu ambiente, fazendo com que tenha participação mais ativa no mundo do trabalho, podendo utilizar suas habilidades mentais aliadas a, ou ao invés de sua força física não apenas obedecendo a ordens, mas agindo na tomada de decisões e também permitindo a melhoria de suas relações sociais, culturais e políticas.

Saber matemática é cada vez mais necessário na sociedade atual, pois nela está contida a quantificação do real, seja na contagem, na medição de grandezas ou no dimensionamento do tempo, assim como a criação de sistemas abstratos que organizam e dão compreensão aos fenômenos do mundo físico.

Ainda segundo a Proposta Curricular, a atividade matemática deve integrar dois papéis indissociáveis: formativo, voltado ao desenvolvimento de capacidades intelectuais para a estruturação do pensamento; e, funcional, dirigido à aplicação dessas capacidades na vida prática e à resolução de problemas nas diferentes áreas do conhecimento.

Do primeiro papel podemos destacar o trabalho com conteúdos de base que permitam desenvolver a capacidade de raciocínio dos estudantes. Muitas vezes esses alunos não têm ao menos o domínio das quatro operações básicas, ou frações, e esses temas são necessários a uma boa capacidade de pensamento lógico. O segundo papel deixa a ideia de que podemos trabalhar com assuntos de aplicação e aí se poderia fazer uma associação com situações cotidianas, nas quais os estudantes poderiam aplicar o conhecimento trabalhado em situações problemas.

A matemática na EJA partilha de problemas comuns às demais áreas de ensino como um público diferenciado, um curso com limitação de tempo para um

trabalho de bases sólidas, limitação de condições materiais, professores muitas vezes sem formação específica para o trabalho na disciplina que lecionam e a falta de materiais didáticos apropriados para alunos. Além desses fatores somamos o mito que envolve a disciplina. Em estudo realizado anteriormente à elaboração da Proposta Curricular a matemática foi apontada por professores e alunos como a disciplina mais difícil de ser aprendida (BRASIL, 2002a).

Atribui-se à matemática grande parte da responsabilidade pelo insucesso dos alunos da EJA quando esses estudavam no ensino regular (BRASIL, 2002b). Os que abandonam a escola tomam esta atitude por diferentes razões sociais ou econômicas, mas também por se sentirem excluídos na dinâmica do ensino e aprendizagem. Nesse processo de exclusão, a falta de êxito no aprendizado de matemática pode determinar o distanciamento, o temor e a rejeição com relação a esta disciplina que parece aos alunos muito difícil e sem relação com sua realidade.

Existem também as dificuldades relativas à formação de professores em geral, interpretações erradas de concepções pedagógicas compartilhadas pela EJA pois em geral a formação se dá para a docência nos níveis de ensino fundamental e médio da educação regular e não especificamente para o ensino de jovens e adultos. Acrescido a isso está a falta de uma política específica para a formação de docentes para a EJA que lide com o público e as demandas próprias.

Outro item que merece destaque é a falta de publicações adequadas para o trabalho com os alunos da EJA. Em muitos casos – e isto pude verificar em situações de prática de ensino – os professores são obrigados a adaptar materiais destinados ao ensino fundamental regular e que são produzidos visando o trabalho com alunos entre sete e quatorze anos de idade.

A falta de material interfere diretamente nas escolhas dos professores quanto à forma de trabalhar os conteúdos em sala de aula. Alguns professores utilizam os livros apenas para os exercícios. Aliás, exercícios e aulas expositivas são as estratégias didáticas utilizadas com maior frequência pelos profissionais na EJA. Isso pode indicar que eles apresentam aos alunos atividades passíveis de ser resolvidas de forma mecânica e que os problemas, quando apresentados, se destinam apenas a aplicar os conceitos ensinados.

Essa mecanização do aprendizado acaba desconsiderando o conhecimento prévio gerado pelas vivências dos alunos e os afasta de um pleno entendimento dos conteúdos estudados nas aulas de EJA. Um material didático elaborado

especificamente para os alunos da EJA poderia contribuir sensivelmente para melhorar as condições de trabalho dos professores.

Sobre a identidade de um curso de EJA encontramos no texto oficial (BRASIL, 2002a) que sua inclusão no projeto educativo da escola é de grande importância para o cumprimento das funções de reparar, equalizar e qualificar. Os objetivos dos cursos de EJA devem ser os mesmos do Ensino Fundamental e/ou Médio regulares. Entretanto existem especificidades que precisam ser identificadas no instante de se construir uma proposta curricular para essa modalidade de ensino.

Determinar a identidade de um curso de EJA pressupõe um olhar diferenciado para o seu público. Os alunos jovens e adultos possuem características específicas, pois suas experiências pessoais e vivências sociais são muito diferentes das de uma criança. (...)

Segundo as *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos*, é necessário que a escola assuma a função **reparadora** de uma realidade injusta, que não deu oportunidade nem direito de escolarização a tantas pessoas. Ela deve também contemplar o aspecto **equalizador**, possibilitando novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços de estética e na abertura de canais de participação. Mas há ainda outra função a ser desempenhada: a **qualificadora**, com apelo à formação permanente, voltada para a solidariedade, a igualdade e a diversidade. (BRASIL, 2002a, p. 87)

Também há uma preocupação do Ministério da Educação com relação ao acolhimento dado pelas escolas aos alunos da EJA. Um grande problema a ser enfrentado na educação brasileira é a permanência dos alunos na escola. Os fatores que determinam o abandono da escola por parte de um estudante são muitos, porém a falta de acolhimento dos alunos pela escola pode condicionar os demais fatores.

O desconhecimento da diversidade das pessoas que estudam na Educação de Jovens e Adultos faz com que qualquer situação que não esteja dentro de um padrão previsto seja tratada como um problema do aluno ao invés de ser encarada com um desafio para a equipe escolar. O acolhimento ao aluno envolve tanto a valorização dos conhecimentos e das formas de expressão de cada aluno como o seu processo de socialização. Devem ser levadas em conta as dúvidas e inquietações, realidades socioculturais, jornada de trabalho e condições emocionais originadas pela exclusão escolar.

Para regressar à escola, jovens e adultos têm de romper barreiras preconceituosas, geralmente transpostas em função de um grande desejo de aprender. Assim, essa disposição para a aprendizagem precisa ser alimentada por uma prática pedagógica que garanta condições para que prevaleça uma atitude positiva diante dos estudos. (BRASIL, 2002a, p. 88)

A escola que atende a jovens e adultos precisa conhecer e levar em consideração as singularidades de seus alunos para que não se constitua uma mera adaptação de uma escola de crianças. Cada escola precisa conhecer quem são seus alunos para, a partir deste ponto, desenvolver um projeto educativo que contemple questões importantes a serem trabalhadas. Diferenças de idade, características socioculturais, se os alunos estão inseridos ou não no mercado de trabalho, local de moradia e outras variantes devem ser levadas em consideração na elaboração de projetos educativos diferenciados.

O público da Educação de Jovens e Adultos justifica o seu nome. Há de fato jovens com idades mínimas para a possibilidade de matrícula e adultos com idades já avançadas. Atualmente, percebe-se uma procura cada vez maior, principalmente por jovens, por esta modalidade de ensino, e é possível notar que o perfil do aluno mudou com o decorrer do tempo (BRUNEL, 2004, p.17).

O aluno adulto caracteriza-se por responder por seus atos e palavras e tem por costume assumir responsabilidades pelos desafios da vida. Para este aluno predomina a racionalidade, ao contrário das crianças e adolescentes, de modo que pode tomar decisões motivadas pela razão. Aquele aluno ao retomar ou iniciar sua caminhada na escola traz para a sala de aula suas representações sobre a escola, o papel do professor e do aluno. Geralmente, essas representações foram construídas em sua passagem anterior pela escola ou pelo contato com a escola de seus filhos ou de parentes.

A aula, para os alunos, parece ser uma prova necessária para atingir a meta, que é ter notas para passar de ano. O que dá sentido e motivação são as notas, os possíveis pontos que vão ganhar com cada uma das atividades passadas pelo professor. (DAYRELL, 1996)

Os alunos jovens também possuem suas especificidades que vão além das idades cronológicas e mudanças biológicas que ocorrem no período da adolescência. Eles têm experiências, expectativas e motivações importantes que devem ser consideradas pelo professor para o desenvolvimento de seu trabalho pedagógico.

A juventude, apesar das transformações físicas que a acompanham, é um fenômeno social sem definições exatas de seu início e fim. Essas definições dependem do momento histórico, do contexto social e da história familiar e individual de cada jovem. A intensidade dos desafios e das descobertas vivenciados pelos jovens leva a uma extrema valorização do convívio entre eles, fazendo com que a

socialização ocupe lugar de destaque em suas vidas. Os grupos de amigos constituem um importante espaço onde vão buscar respostas para suas questões.

Privilegiando quase sempre uma concepção do que o jovem precisará na vida adulta, a escola às vezes pouco se pergunta o que ele necessita agora, e que dimensões humanas, potencialidades e valores devem ser privilegiados nessa fase da vida. (BRASIL, 2002a)

Os alunos jovens possuem uma diversidade de conhecimentos sobre seu meio e utilizam diferentes formas de expressão que devem ser consideradas na escola. Reconhecer como legítimas as experiências que esses alunos vivenciam no trabalho, na família, na rua, nos grupos que frequentam e também na escola, torna-se condição para se estabelecer um diálogo com os alunos, o que é um fator importante para que o conhecimento escolar tenha sentido para eles.

Segundo o Ministério da Educação (BRASIL, 2002a) uma exigência da qual não se pode prescindir na elaboração de um currículo para a EJA reside na inversão da lógica que tradicionalmente comandou a organização curricular na Educação de Jovens e Adultos. Uma possibilidade para essa inversão de lógica consiste em identificar as capacidades ou habilidades que se pretende que os alunos construam e desenvolvam e toma-las como indicadores no processo de elaboração da proposta pedagógica.

A inversão da lógica tradicional possibilita enfrentar o problema da organização da escola baseado na divisão de trabalho entre especialistas das diferentes disciplinas, sem uma intercomunicação efetiva e sem a fixação clara de objetivos comuns a serem atingidos. A adoção de tal perspectiva não implica a desvalorização das disciplinas. Ao invés disso significa passar a considera-las como recursos que ganham sentido em relação às capacidades que se deseja que os alunos desenvolvam.

Segundo o Ministério da Educação (BRASIL, 2002a), o aluno egresso da Educação de Jovens e Adultos deve, no decorrer de sua formação, ter desenvolvido e trabalhado as seguintes características:

- Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;

- Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou de outras características individuais e sociais;
- Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em sua capacidade afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
- Conhecer o próprio corpo e cuidar dele, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação a sua saúde e à saúde coletiva;
- Utilizar as diferentes linguagens – verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal – como meio de produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir as produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- Questionar a realidade, formulando problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação. (BRASIL, 2002a)

O mundo atual exige das pessoas capacidades que se relacionam em diferentes dimensões da vida, seja no trabalho, participação social e política, lazer e cultura. Formar cidadãos para o exercício da cidadania pressupõe a participação política de todos na definição dos rumos da sociedade, não somente escolhendo os representantes políticos, mas também com a participação em movimentos sociais e no envolvimento com os temas da nação em todos os níveis da vida cotidiana. As mudanças do mundo atual obrigam o cidadão a compreender melhor o mundo para que se possa atuar de maneira ativa, de forma crítica, responsável e transformadora.

No processo de seleção dos conteúdos, o desafio é identificar os campos de conhecimento das diferentes áreas, quais são socialmente relevantes e de que forma elas contribuem para o desenvolvimento intelectual dos alunos, ou seja, que conteúdos permitirão a construção e a coordenação do raciocínio e o desenvolvimento das demais características citadas anteriormente.

Os conteúdos a serem trabalhados podem ser selecionados em uma perspectiva mais ampla, procurando identifica-los como formas e saberes culturais cuja assimilação é fundamental para a produção de novos conhecimentos.

Na proposta curricular (BRASIL, 2002b) os conteúdos estão dimensionados em conceitos e também procedimentos e atitudes apresentados em blocos de conteúdo ou por eixos temáticos de acordo com as áreas. No que diz respeito à

Matemática a EJA deve visar o desenvolvimento de conceitos e procedimentos relativos ao pensamento numérico, geométrico, algébrico, à competência métrica, ao raciocínio que envolva proporcionalidade, assim como o raciocínio combinatório, estatístico e probabilístico.

O processo de identificação dos conteúdos matemáticos conceituais e procedimentais implica o desafio de identificar, em cada um dos campos matemáticos, aqueles que, de um lado são socialmente relevantes para a Educação de Jovens e Adultos, e de outro, contribuem para o desenvolvimento intelectual do jovem e do adulto.

Infelizmente, ainda existem poucas reflexões específicas sobre a seleção de conteúdos para o ensino de Matemática na Educação de Jovens e Adultos (particularmente em relação ao Segundo Segmento) (BRASIL, 2002b, p.22). Além disso, também não foram exploradas as atividades de diagnósticos para a identificação das demandas dos alunos e de suas expectativas em relação ao ensino de matemática.

Em um processo de seleção de conteúdos, é fundamental um estudo sobre as formas com que serão incorporados os conteúdos de natureza atitudinal, que envolvem o componente afetivo – predisposição, interesse, motivação – muito importante no processo de resgate da autoestima dos alunos da EJA. Não se pode esquecer que eles são tão importantes quanto os conteúdos conceituais e procedimentais, pois, de certa forma, funcionam como condições para o desenvolvimento dos alunos.

Entre os conteúdos atitudinais destacam-se:

- desenvolvimento da capacidade de investigação e da perseverança na busca de resultados, valorizando o uso de estratégias de verificação e controle de resultados;
- predisposição para alterar a estratégia prevista para resolver uma situação-problema: quando o resultado não for satisfatório, encontrar exemplos e contra-exemplos, formular hipóteses e comprová-las;
- interesse em comparar diferentes métodos e processos na resolução de um problema, analisando semelhanças e diferenças entre eles e justificando-os;
- interesse por utilizar as diferentes representações matemáticas, selecionando as que se adaptam com mais precisão e funcionalidade a cada situação-problema de maneira que facilitem sua compreensão e análise;
- valorização do trabalho coletivo, colaborando na interpretação de situações-problema, na elaboração de estratégias de resolução e na validação dessas estratégias;
- interesse pelo uso dos recursos tecnológicos como instrumentos que podem auxiliar na realização de alguns trabalhos, sem anular o esforço da atividade compreensiva;

- predisposição para usar os conhecimentos matemáticos como recursos para interpretar, analisar e resolver problemas em contextos diversos;
- compreensão da importância da estatística na atividade humana, assim como de que ela pode induzir a erros de julgamento, pela manipulação de dados e pela apresentação incorreta das informações (ausência de indicação da frequência relativa, construção de gráficos com escalas inadequadas etc.);
- predisposição para analisar criticamente informações e opiniões veiculadas pela mídia, suscetíveis de análise à luz dos conhecimentos matemáticos;
- interesse em dispor de critérios e registros pessoais para emitir um juízo de valor sobre o próprio desempenho, de modo a compará-lo com o juízo feito pelos professores e a aprimorá-lo.
(BRASIL, 2002b, p.24)

Quanto à organização dos conteúdos, em geral, os professores de matemática fazem essa organização para os alunos jovens e adultos de forma hierarquizada, reproduzindo a ideia de que cada conteúdo é um pré-requisito para o próximo. Por um lado sabemos que alguns conhecimentos precedem outros, e que a maneira de organizar os conteúdos indica um caminho a seguir. Por outro lado, sabe-se também que eles não se subordinam uns aos outros de forma tão sólida como se supõe.

Na escola onde realizei meu estágio de docência pela disciplina de Estágio em Educação Matemática III, no segundo semestre de 2011, tive um exemplo desta prática. No início das aulas daquele semestre a professora responsável pela turma debateu com os alunos o conteúdo que interessava à maior parte dos estudantes. A escolha dos alunos se deu pelo conteúdo de porcentagens e juros simples e compostos e esse assunto em especial, foi destacado pelos alunos como um conteúdo importante para provas de concursos públicos, que muitos haviam prestado ou tinham intenção de prestar.

Quanto a esse fato, a professora teve a preocupação inicial de atender à uma demanda dos alunos para despertar o seu interesse pelas aulas. De certa forma, notei ao longo do estágio que os alunos desta turma tinham mais interesse nas aulas. Isso podia ser constatado pelo fato de sempre haver uma participação destes alunos nas aulas através da resolução dos exercícios propostos, perguntas nos momentos de dúvidas e atenção prestada às explicações sobre o conteúdo.

Uma forma interessante de organizar os conteúdos consiste em buscar contextos significativos para sua abordagem e, ao mesmo tempo, indicar conexões a serem estabelecidas entre os assuntos abordados (BRASIL, 2002b). Uma proposta de trabalho com a Matemática visando à aprendizagem significativa deve encorajar a exploração de uma grande variedade de ideias matemáticas, não somente

numéricas, mas também as relativas à geometria, às medidas e à estatística, sempre incorporando contextos do cotidiano para que jovens e adultos adquiram diferentes formas de perceber conexões entre matemática e a realidade. Com isso, há condições para tornar o estudo de diferentes conteúdos algo significativo para o estudante e não limitá-los a meros pré-requisitos para outros assuntos.

Quanto às orientações didáticas a proposta curricular (BRASIL, 2002b) aponta que existe frequentemente consenso em torno da ideia de que não existe um caminho único ou um melhor caminho para o ensino de Matemática em geral, mas para construir sua prática o professor precisa conhecer diferentes práticas de trabalho em sala de aula. Entre essas possibilidades são destacadas a resolução de problemas, história da matemática, tecnologias da comunicação e da informação e os jogos.

Quanto ao tema *resolução de problemas*, a Proposta Curricular (BRASIL, 2002b) indica que a experiência tem mostrado que o conhecimento matemático ganha significado quando os estudantes se deparam com situações que os desafiam e trabalham para desenvolver estratégias para a sua resolução. Daí a importância de se tomar a resolução de problemas como ponto de inicial da atividade matemática.

Ao desenvolver esse trabalho, jovens e adultos terão oportunidade de ampliar seus conhecimentos sobre conceitos e procedimentos matemáticos tanto quanto sua visão sobre o mundo em geral, desenvolvendo sua autoconfiança.

Para que um problema seja realmente um problema, este deve representar um desafio. Necessita da elaboração de um planejamento e a validação do processo de solução. Para a maioria dos alunos, resolver problemas significa fazer cálculos com números que constam no enunciado ou a aplicação de algum conceito visto em aula, entretanto a situação-problema é uma atividade cuja solução não pode ser obtida pela busca na memória, mas exige a elaboração e a execução de um plano.

A *história da matemática* mostra que o desenvolvimento matemático se deu em grande parte pela necessidade de responder a perguntas motivadas por problemas tanto de ordem prática, como a divisão de terras ou o cálculo de crédito, quanto as vinculadas a outras ciências ou por questões relativas ao próprio conhecimento matemático.

A abordagem da história da matemática permite ao aluno compreender que o avanço tecnológico de hoje não seria possível sem os estudos que foram feitos em

gerações anteriores. Contudo, essa abordagem não deve ficar restrita a informações relativas a nomes, locais e datas de descobertas. Em muitos casos o recurso à história da matemática pode dar significado às ideias matemáticas que estão sendo construídas nas aulas pelos alunos.

No que diz respeito às *tecnologias da comunicação e da informação*, tradicionalmente a escola se apoia na oralidade e na escrita como formas de comunicar e conhecer. No entanto, estas vias tradicionais de comunicação são crescentemente influenciadas pelos recursos da informática. Também é fato que calculadoras, computadores e outros elementos tecnológicos estão cada vez mais presentes nas atividades cotidianas. Isso implica em mais um desafio para a escola, pois é preciso fazer uso dessas tecnologias e contribuir para que os alunos tenham um acesso amplo a elas em suas diferentes formas.

O uso dos computadores nas aulas de matemática na Educação de Jovens e Adultos pode ter vários objetivos: como fonte de informação na formação de conhecimento; como ferramenta (planilhas eletrônicas, editores de textos, banco de dados, etc.); como meio para desenvolver autonomia através do uso de softwares que possibilitem pensar, refletir e criar soluções. Na área de matemática já existem muitos softwares que podem ser utilizados em sala de aula para o aprendizado de diversos conteúdos.

A calculadora, por sua vez, é útil para a verificação de resultados e para a correção de erros, podendo ser um importante instrumento de auto avaliação. Pode ser empregada também na resolução de situações-problema por permitir que os alunos ganhem tempo na resolução dos cálculos. Assim ela pode ser usada como recurso para a aprendizagem. Também é importante permitir que os alunos saibam utilizar corretamente e tenham acesso a todas as funções que uma calculadora possa permitir. Geralmente os alunos fazem uso indiscriminado do instrumento e muitas vezes sem ter segurança ou clareza do que estão fazendo.

Na escola onde tive a oportunidade de realizar a prática de docência da disciplina de Estágio em Educação Matemática II, trabalhando com uma turma de oitava série de EJA tive uma perfeita amostra do que foi dito no parágrafo anterior. Muitas vezes via que os alunos entendiam alguns exercícios e quando iam resolver questões por conta própria encontravam respostas incorretas. Investigando como os alunos haviam chegado a tais respostas encontrava quase sempre a mesma causa: mau uso da calculadora. Muitos alunos resolviam cálculos por uma lógica própria e

não a da calculadora e, com isso, mesmo tendo um raciocínio correto na parte escrita terminavam por errar o resultado numérico final das questões.

Ao final deste estágio, como atividade para contabilizar as horas de aula que a disciplina acadêmica exigia, elaborei oficinas sobre uso de calculadora para as quatro turmas da escola. Nas oficinas tive oportunidade de conhecer os outros alunos da escola e pude verificar que as dúvidas sobre o uso da calculadora eram partilhadas pela maioria. Ao final das atividades tinha sempre a sensação de que tais momentos haviam sido importantes e esclarecedores e que em muitos cálculos simples os alunos não tinham conhecimento de como poderiam ser efetuados na calculadora. A direção da escola também se mostrou satisfeita, pois muitos alunos haviam comentado que haviam aprendido bastante na oficina.

O importante é que se possam aproveitar, no ensino de Matemática na Educação de Jovens e Adultos, ao máximo os recursos tecnológicos disponíveis, tanto por sua receptividade por parte dos alunos como para melhorar a linguagem expressiva e comunicativa dos estudantes.

O recurso aos *jogos* favorecem a criatividade na elaboração de estratégias de resolução de problemas e a busca de soluções. Propiciam a simulação de situações-problema que exigem soluções vivas e imediatas, estimulando o planejamento de ações e permitem a construção de uma atitude positiva perante o erro.

As atividades de jogos permitem ao professor analisar e avaliar se os alunos:

- compreendem o processo do jogo;
- constroem estratégias;
- comunicam seus procedimentos;
- têm autocontrole, respeito a si próprios, aos colegas e ao professor.

Os jogos também contribuem para a participação dos jovens e adultos em trabalhos coletivos. Algumas vezes a participação em aula para os alunos da EJA torna-se um obstáculo para sua aprendizagem e o envolvimento com jogos pode amenizar e esse problema e estimular a participação de alunos com mais receio em interagir com colegas. É importante ter em mente que a escolha dos jogos deve levar em consideração a faixa etária dos alunos, evitando-se infantilizações.

A Proposta Curricular da Educação de Jovens e Adultos, no seu conjunto de volumes, é um documento abrangente. Para este trabalho foi analisada a parte que falava diretamente da Matemática, mas ela também detalha possibilidades de trabalho para outras disciplinas do segundo segmento do Ensino Fundamental.

O documento abre margem para diferentes interpretações e indica formas possíveis de trabalho. Como documento oficial, cumpre seu papel de informar e esclarecer. Entretanto, para que tais sugestões e ideias sejam colocadas em prática é necessário muito mais do que só a proposta. É preciso, como fundamento, que as escolas tenham condições para que exista a possibilidade de se aplicar o discurso de educação libertadora e formadora de cidadãos com pensamento crítico e conscientes de seu papel na sociedade.

O que podemos ver na realidade é que além da proposta curricular, pouco é feito para o estudo de EJA no Brasil. Segundo estudo de Maria Clara de Pierro (2010), o governo federal não fez muito pela Educação de Jovens e Adultos nos últimos anos. A autora afirma que foi dada continuidade em um processo de desconcentração de possibilidades pelo financiamento e provisão dos serviços educativos, observando-se uma tendência à municipalização das matrículas na etapa do ensino fundamental regular.

3. AS ENTREVISTAS

3.1. O Início

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo estudar a situação da docência do professor de Matemática na Educação de Jovens e Adultos. Após analisar a proposta curricular do Governo Federal para a EJA parto para a verificação da realidade encontrada nas escolas e o papel do professor de matemática neste contexto.

Para o estudo deste trabalho, foi feita a escolha pela realização de entrevistas com professores de matemática que estivessem trabalhando na EJA. Através das entrevistas se poderia verificar as opiniões dos professores relacionadas ao trabalho com jovens e adultos, além de suas percepções sobre a escola e o ambiente escolar, as diferenças com relação ao ensino regular e sua satisfação com o trabalho realizado.

As entrevistas se caracterizaram por conversas informais, realizadas no ambiente escolar em momento de intervalo. Todas as entrevistas tiveram gravação de áudio para que não fosse perdido nenhum detalhe para a posterior análise das respostas. Para tanto, foi elaborado um questionário (Apêndice A) com perguntas destinadas a guiar as conversas e não correr o risco de perder algum ponto que pudesse ser importante para o trabalho.

Neste questionário procurei colocar em cada pergunta alguma dúvida que tinha em relação ao trabalho dos professores de EJA. A folha onde constavam as perguntas não foi passada aos professores entrevistados e foi utilizada apenas por mim para fazer as perguntas que eram respondidas de maneira oral e espontânea.

Neste trabalho foi utilizada a abordagem da entrevista focal (YIN, 2005), na qual o respondente é entrevistado por um tempo curto. Entretanto as respostas são espontâneas e tem caráter de uma conversa informal, porém existindo um conjunto de perguntas que é seguido.

3.2. As Perguntas

Para um bom aproveitamento do tempo que teria para as entrevistas, precisava de perguntas que obtivessem as informações de que necessitava e ainda tivessem um tempo de resposta curto. O tempo que me foi colocado à disposição para as conversas foram os intervalos das aulas dos professores nas escolas, portanto além de consistentes, as entrevistas deveriam ser ágeis.

Segundo Yin (YIN, 2005) uma das habilidades desejadas em um bom pesquisador é que ele seja uma pessoa capaz de fazer boas perguntas e de interpretar suas respostas. Sendo assim, procurei elaborar cada pergunta com uma determinada finalidade.

Descrevo a seguir o conjunto de perguntas que compuseram o questionário. No total, foram quatorze questões que puderam resumir o trabalho de cada professor em suas escolas.

1) Há quanto tempo trabalhas com EJA?

Nesta pergunta pedi para que cada professor me dissesse há quantos anos trabalhava especificamente com EJA (incluindo o tempo em que tal modalidade de ensino ainda se chamava ensino supletivo, se fosse o caso). Poderia também ser mencionado o tempo em que trabalhava com ensino regular. O objetivo central da pergunta era investigar se o professor em questão havia trabalhado somente com jovens e adultos ou se também tinha experiência do ensino regular.

2) Durante a graduação imaginavas que trabalharias com EJA?

Na segunda questão a intenção era saber se, durante a sua formação, o professor entrevistado imaginava se iria trabalhar com jovens e adultos, ou se a intenção clara era o trabalho no ensino regular. Saber se o professor via como possibilidade o trabalho com EJA (ou supletivo) no seu tempo de formação profissional é importante, pois dentro da nossa realidade de estudantes de um curso noturno de formação de professores essa é uma possibilidade muito clara para o futuro profissional.

3) Quais as principais dificuldades que tens encontrado no trabalho com jovens e adultos?

Nesta questão minha preocupação é investigar as dificuldades que os professores de EJA encontram na sua rotina profissional. Seja com relação às metas de aprendizado exigidas pelas instituições de ensino ou metas de aprovação de

alunos, seja por alguma falta de recurso, etc. Enfim, o que pode ser uma causa de sofrimento para esses docentes? O que lhes impede de realizar um trabalho que os torne plenamente satisfeitos na questão profissional?

4) *Como são teus alunos em geral (perfil socioeconômico)?*

O objetivo desta pergunta é saber qual o público da escola, o perfil socioeconômico apresentado pelos alunos com os quais o professor trabalha na EJA. Além disso, que faixa etária de alunos tem predominância na escola? É notório que os alunos mais jovens ingressam cada vez mais em maior número na Educação de Jovens e Adultos (BRUNEL, 2004), mas qual o impacto disso na escola onde os professores entrevistados exercem suas atividades? Também era objetivo desta pergunta verificar se na escola onde o professor entrevistado atua há alunos em situação de risco social ou mesmo se esta não é uma realidade que não se apresenta predominantemente na escola.

5) *Que vantagens tens encontrado no teu trabalho?*

Esta é uma pergunta para fazer um contraponto à terceira pergunta. Depois de conhecer um pouco das dificuldades dos professores era importante ver o que tornava o seu trabalho mais prazeroso. Aqui podem ser investigadas, inclusive, questões de comparação com o ensino regular. O que poderia ser mais atrativo para o professor de matemática que trabalha com jovens e adultos em relação ao profissional que atua junto ao ensino regular? Também podem ser verificadas possibilidades que os professores têm relacionadas ao currículo e como é feita a escolha de conteúdos e temas a serem estudados.

6) *Os alunos apresentam algum tipo de resistência com relação a alguma atividade proposta?*

Como o professor de jovens e adultos lida com um público que os vê de uma maneira diferente, e não como os alunos em idade infantil que costumam ver o professor com uma imagem de liderança absoluta e incontestável na sala de aula? Algumas vezes esses alunos que já são um pouco mais vividos podem contestar alguma proposição do professor relacionadas às atividades de aula. Os alunos mais velhos, inclusive esperam por uma aula mais expositiva e durante minhas atividades de docência em disciplinas de prática de ensino. Ao longo destas, deparei-me com situações em que alunos de mais idade não tinham vontade de participar de atividades que não consistissem de uma “aula normal”.

7) *Por quem e como são definidos os conteúdos a serem estudados?*

Nesta pergunta o objetivo consiste em investigar como é feita a escolha dos conteúdos que os alunos estudam. Esse tema está presente na proposta curricular do Ministério da Educação (BRASIL, 2002b). É importante verificar se a escolha passa pela comunidade escolar. Se os alunos têm alguma participação nesta escolha. E, caso haja uma proposta pronta de currículo e como ela é recebida pelos alunos.

8) De que dificuldades teus alunos mais reclamam quando estão em aula?

O objetivo desta questão é saber quais são as reclamações mais comuns dos alunos aos professores. A característica da EJA é de que os alunos frequentadores do curso, geralmente trabalham. A maioria dos cursos é noturna em função dessa realidade. Com isto temos alunos que, além de estudar, trabalham e têm suas responsabilidades familiares. Por isso muitos não conseguem estudar tanto quanto deveriam e isso pode resultar em reclamações dos alunos quanto à quantidade de tarefas que podem ser exigidas. Também é possível que os alunos relatem dificuldades com relação aos conteúdos estudados e a problemas de ordem social que possam estar enfrentando.

9) Na tua visão, como é o aproveitamento do conteúdo pelos alunos?

A intenção neste item é saber dos professores como eles vêem a assimilação dos conteúdos pelos alunos. Num ambiente onde os estudantes possivelmente têm dificuldades para estudar, pela questão do trabalho, ou por conta de uma carga horária um pouco reduzida, como é comum na EJA, é esperado que eles encontrem algum tipo de dificuldade e que isto seja percebido pelo professor. Além disso, essa questão envolve a avaliação do professor com relação ao seu próprio trabalho. Considerando o que ele apresenta em sala de aula e o desempenho dos alunos baseado em suas avaliações.

10) Que tipos de dificuldades tu mais observas em teus alunos com relação à Matemática?

Com esta pergunta a intenção é saber se, além de dificuldades naturais que os alunos possam estar enfrentando momentaneamente, existem problemas de base de conteúdos que os estudantes tenham trazido de seus anos anteriores de escola. Quais seriam as dificuldades mais comuns que os alunos enfrentam nas aulas de matemática? Resolução de problemas? Interpretação geométrica?

11) Que tipos de atividades são desenvolvidas além das aulas?

Esta questão busca verificar se as aulas são mais de caráter expositivo ou se há formas de participação dos alunos na aprendizagem. É importante saber também de que forma os professores conduzem seu trabalho com a turma. Se há trabalhos extraclasse ou outras formas de trabalho.

12) Que materiais de apoio são utilizados (livros, jogos, softwares)?

A pergunta investiga os tipos de materiais de apoio utilizados pelos professores. Questiona-se também se na escola são utilizadas ferramentas de informática como apoio de aprendizagem ou como ferramenta de auxílio em pesquisas ou tarefas envolvendo outras disciplinas. Além dos recursos já mencionados, é relevante saber se os professores utilizam livros didáticos e de que forma se dá essa utilização, e se são utilizados livros próprios para a Educação de Jovens e Adultos ou se livros didáticos do ensino regular de forma adaptada.

13) De que forma são feitas as avaliações?

As avaliações são importantes para se atestar a compreensão do conteúdo estudado pelos alunos. É necessário então saber a forma utilizada pelos professores para avaliar seus alunos. Pode ser verificado também se dentro da escola existem diferentes formas de avaliação para cada disciplina, ou se há uma forma unificada de avaliação aplicada a todas as disciplinas lecionadas na escola.

14) Qual teu desejo para teus alunos?

Essa pergunta foge um pouco da temática *aprendizado*. A questão é de uma amplitude maior. Além de considerar o desejo dos professores de que os alunos saibam os conteúdos ao final do curso, a intenção é saber o que os professores almejam para seus alunos em termos de uma possível melhoria em suas condições de vida. Que tipo de pessoas eles gostariam que seus alunos pudessem vir a ser no futuro? Haveria da parte desses professores uma expectativa para que os estudantes desejem continuar os estudos e, se possível avançar até o ensino superior e concluir uma plena formação? Em minha visão, cabe aos professores como educadores incentivar isto em seus estudantes.

As quatorze perguntas acima detalhadas compuseram o questionário a ser utilizado durante as entrevistas. Depois desta etapa importante partimos para a realização das entrevistas tentando fazer o momento de conversa com os professores o mais produtivo e interessante possível.

3.3 Análise das Entrevistas

Uma vez concluídas as etapas preparativas havia chegado o momento da realização das entrevistas. Para esta etapa decisiva deste trabalho de conclusão foram escolhidos três professores de três escolas da rede municipal da cidade de Canoas, estado do Rio Grande do Sul.

As três escolas localizam-se em diferentes regiões da cidade com características sociais e populacionais diferentes. Uma das escolas fica em bairro próximo ao centro da cidade com população de classe média. A segunda e a terceira escola estão localizadas em bairros de periferia com população de classe social baixa, porém a segunda escola situa-se em região com povoamento mais recente enquanto a terceira localiza-se em uma área pobre mais antiga. As escolas serão chamadas, neste trabalho², de Escola Mato Grande, Escola Fátima e Escola Harmonia, respectivamente.

No município de Canoas existem escolas da rede municipal onde a Educação de Jovens e Adultos é ofertada em período diurno. As escolas escolhidas para a realização das entrevistas, no entanto, são de EJA noturno, pois meu interesse de estudo está nos professores que lecionam à noite.

Com as três escolas, inicialmente foi realizado um contato telefônico durante o qual conversei com os responsáveis por suas direções. Nos contatos foi colocada a necessidade de uma entrevista com professores para a realização do trabalho de conclusão de curso e foram marcados novos contatos para que os representantes das direções pudessem conversar com os docentes e verificar as possibilidades e os horários disponíveis para as entrevistas. Em todos os locais a receptividade foi muito boa e não houve dificuldades para os agendamentos. Nas três escolas as conversas aconteceriam nos horários de intervalo de aula dos professores.

A forma encontrada para o registro das entrevistas foi a gravação do áudio em aparelho telefônico das conversas *in loco*. Com isto a entrevista poderia decorrer de forma mais dinâmica, pois teria a possibilidade de me concentrar mais nas conversas sem uma preocupação com os registros para a análise posterior. O registro em vídeo poderia causar constrangimentos, além de exigir uma preparação maior antes da entrevista com a questão dos ajustes do equipamento.

² Os nomes atribuídos às escolas são, na verdade, pseudônimos e têm a finalidade de ilustrar o texto preservando os nomes verdadeiros das escolas.

As análises das entrevistas foram realizadas após a audição das gravações. As respostas contidas nesta parte do Trabalho compõem a minha interpretação de suas falas durante as conversas.

Para cada entrevistado foi entregue um termo de consentimento para a utilização dos registros da entrevista no intuito de que o material pudesse ser aproveitado neste trabalho de conclusão de curso. Os professores concordaram com o termo e aceitaram responder à entrevista. Ficou acordado que os nomes dos docentes não seriam utilizados no trabalho. O modelo do documento consta nos apêndices do trabalho. Para uma melhor identificação dos professores no texto utilizarei pseudônimos para identifica-los³. Assim, a professora da Escola Mato Grande foi chamada de Marina, a da Escola Fátima, Elisa, e o professor da Escola Harmonia, Wagner.

Geralmente, no turno da noite as escolas têm um contingente menor de alunos do que nos turnos da manhã e tarde. Com isso, em todas as escolas as entrevistas puderam ser realizadas sem interferência de ruídos que pudessem prejudicar as gravações.

Da primeira pergunta respondida pelos professores, que perguntava sobre o tempo de experiência com a EJA, as respostas demonstraram que todos possuíam experiência de alguns anos nesta modalidade de ensino. As professoras Marina e Elisa com aproximadamente vinte anos de experiência com jovens e adultos e o professor Wagner com oito anos de trabalho nessa modalidade de ensino. As professoras trabalharam inicialmente com ensino regular e depois de alguns anos passaram a trabalhar com jovens e adultos, seja no antigo ensino supletivo ou na EJA, que é mais recente. Já o professor Wagner trabalhou com jovens e adultos ainda na graduação e desde então sempre tem lecionado para esse público. A professora Marina trabalha com EJA na escola Mato Grande à noite e durante o dia também leciona para esta modalidade de ensino em uma escola particular. Os outros professores trabalham com EJA à noite e durante o dia com ensino regular.

As respostas desta pergunta indicam que a EJA geralmente não é a primeira opção de trabalho para os professores egressos das universidades. Além disso, não recorde de muitos colegas ao longo do curso relatando o desejo em trabalhar com EJA após a formatura. Geralmente os cursos de licenciatura são voltados para a

³ Aqui o mesmo artifício de nomear as escolas com pseudônimos foi utilizado para a identificação, no texto, dos professores. Intenção de dar fluidez à leitura.

formação de professores para atuação no ensino regular e não é dada uma maior atenção para a Educação de Jovens e Adultos.

Segundo Pierro (2010), nos últimos anos persistiu uma histórica escassez de oportunidades de formação para os educadores da EJA, sendo que pouco mais de 1% dos cursos de formação de docentes no Brasil ofereciam habilitação específica para a atuação nessa área da educação básica até o ano de publicação de seu trabalho. Ainda segundo Pierro, não existiu a oportunidade de convocar as instituições de ensino superior a considerarem a formação do corpo docente para atuação na EJA nos cursos de Graduação em Licenciatura, como também a se engajarem na formação continuada de docentes que já atuam nesta modalidade de ensino.

Na segunda pergunta, as professoras Marina e Elisa afirmaram que não imaginavam trabalhar com EJA quando estavam na graduação. Com larga experiência no magistério, elas afirmaram que quando estavam na graduação não havia a EJA. Era a época do ensino supletivo e não era sua intenção ingressar naquela modalidade de ensino e sim, trabalhar com o ensino regular. Já o professor Wagner contou que durante seus últimos semestres de graduação foi convidado a lecionar em uma turma de Educação de Jovens e Adultos de uma instituição particular. Então o trabalho com jovens e adultos foi algo natural e depois do término do curso teve a oportunidade de dar prosseguimento ao seu trabalho com a EJA.

A terceira pergunta do questionário, sobre as dificuldades do trabalho com jovens e adultos, gerou uma variedade de opiniões. Como as três escolas atendem a públicos um pouco diferentes quanto à questão socioeconômica, isso contribuiu para que houvesse diferença nas respostas de cada professor. Para a professora Marina a dificuldade está na juventude da maioria de seus alunos, que na sua opinião ainda são imaturos e não tratam sua vida estudantil com a devida importância. Essa realidade é apontada por Brunel (2004) quando afirma que, “atualmente, percebe-se uma procura cada vez maior, principalmente por jovens, por esta modalidade de ensino, e é possível notar que o perfil do aluno mudou com o decorrer do tempo”.

Para a professora Marina os alunos não têm compromisso com o próprio aprendizado. Ela afirma que os alunos comparecem à escola por lazer. Como o bairro não tem muitas opções de entretenimento, a escola acaba se tornando um ponto de encontro para os estudantes estabelecerem suas relações sociais.

Pensamento parecido com o do professor Wagner que também relatou que os alunos estão cada vez chegando mais jovens à EJA. A maioria de seus alunos, após sucessivas reprovações associadas a problemas comportamentais optaram por estudar à noite por considerarem “mais fácil”.

Para a professora Elisa a dificuldade relatada refere-se à violência que circunda a escola e muitas vezes se faz presente dentro do ambiente escolar. Segundo esta professora, atos de violência às vezes acontecem dentro do ambiente escolar prejudicando de maneira muito forte a concentração dos alunos nas atividades. O professor Wagner citou ainda o tráfico de drogas como uma das dificuldades presentes no seu cotidiano escolar relatando que há alunos frequentadores da escola que fazem do tráfico o seu modo de vida.

Creio que as duas questões levantadas pelos professores (alunos cada vez mais jovens e criminalidade) são muito importantes e estão presentes intensamente na EJA. Trabalhar envolvido nestas realidades é um desafio que se apresenta ao professor que atua nesta modalidade de ensino e é preciso ter sensibilidade para poder desempenhar um bom trabalho dentro deste contexto tentando fazer a diferença na formação de cidadãos.

A quarta questão abriu margem para que os professores falassem das características socioeconômicas dos alunos com os quais trabalham. Nas escolas Fátima e Harmonia os professores relataram que a região era de população de baixa renda e que alguns alunos e seus familiares eram pessoas que passavam por dificuldades extremas.

Em relação à escola Mato Grande, a professora Marina apontou uma mudança no perfil socioeconômico dos alunos nos últimos anos. Como esta professora trabalha na escola há muitos anos, ela viu o bairro onde a escola se situa passar por mudanças radicais. Em anos anteriores a escola era frequentada por alunos carentes que, em sua maioria, conviviam com diversos problemas de ordem social. Mais recentemente, a localidade vem recebendo muitos investimentos do setor imobiliário com a construção de novos condomínios. Com isso o público da escola mudou, pois agora a maioria dos alunos é formada por pessoas que não têm dificuldades financeiras e não sofrem com a vulnerabilidade social. Os moradores antigos já não representam mais a maioria da população do bairro, além do fato de que há outra escola que está localizada mais próxima à área que ocupam no bairro.

A professora Marina também destacou que na escola particular onde trabalha com EJA, os alunos que lá estudam são egressos de escolas de ensino regular particulares. Isso é um indício de que os estudantes da rede privada que passam pela experiência das reprovações ou dos problemas de mau comportamento também procuram a EJA para a conclusão de seus estudos, porém o fazem na rede particular.

As repostas à quinta pergunta do questionário, sobre as vantagens de se trabalhar na EJA, me surpreenderam. Não imaginava o entusiasmo dos professores nas respostas que surgiram. Os três responderam de forma parecida relatando a liberdade na hora de preparar suas aulas e atividades, escolhas de conteúdo, e formas de abordar cada assunto. Isso não ocorre da mesma forma nas escolas onde trabalham com ensino regular (casos dos professores Elisa e Wagner). A maneira como responderam a respeito de suas possibilidades de realizar um trabalho diferenciado fez com que eu satisfizesse uma de minhas curiosidades, pois ficou clara a satisfação de estar trabalhando nas escolas onde lecionam apesar das dificuldades.

Os três professores comentaram que trabalham com projetos interdisciplinares. A Secretaria Municipal de Educação de Canoas define temas geradores que devem ser trabalhados. Em função dos temas propostos, cada escola define sua forma de abordagem para o tema. Fica possibilitada a interação entre diferentes disciplinas e cada professor define os conteúdos que serão trabalhados para a compreensão do tema sugerido e também a forma de abordagem de cada conteúdo. Portanto, a liberdade de trabalho é algo concreto e é valorizada pelos professores entrevistados. Os docentes que atuam também com o ensino regular afirmaram não encontrar as mesmas possibilidades de trabalho em suas outras escolas o que os faz valorizar a sua opção pelo magistério na EJA. A professora Elisa comentou, inclusive, que está próxima da aposentadoria na escola estadual onde trabalha com ensino regular, mas que pretende lecionar por muitos anos na Escola Fátima.

Em resposta à pergunta sobre as resistências que os alunos demonstram quanto à alguma atividade proposta, todos os entrevistados relataram algo que provoca reclamações pelos estudantes. Para a professora Marina os alunos têm resistência às atividades extraclasse. Ela afirma que apesar de os estudantes não gostarem muito das aulas expositivas, eles consideram que atividades como assistir

filmes ou participar de simulações de situações cotidianas envolvendo o conteúdo não sejam importantes. Os alunos demoram a se envolver nas atividades e a tomar atitudes participativas, o que dificulta a obtenção de um resultado satisfatório quanto ao aprendizado que pode ser obtido. Segundo a mesma professora, os alunos consideram essas atividades como “mata-tempo”. Para seus estudantes da escola pública nem a questão da nota motiva os alunos a terem uma participação mais ativa nessas atividades. Em contrapartida ela conta que na escola particular onde trabalha os alunos têm um grande envolvimento nos trabalhos relativos aos projetos de ensino e isso resulta em trabalhos que ela classifica como excelentes.

Ao contrário da professora Marina, a professora Elisa relata que seus alunos têm grande aceitação quanto às atividades relacionadas aos projetos. Ela observa que a resistência maior se encontra nos exercícios que ela classifica como “burocráticos ou conteudistas”. Para o professor Wagner a dificuldade se apresenta no momento em que os alunos devem ter alguma participação mais ativa, seja nas aulas ou nas atividades de projetos. Ele explica que seus alunos têm uma postura excessivamente passiva. Em primeiro lugar na escala de importância de seus alunos está a interação social. Os estudantes na escola são bastante jovens e os estudos não constituem seu foco principal. Exigir a participação ativa nas atividades de projeto, ou mesmo nas aulas é uma tarefa complicada.

Na pergunta sobre a definição dos conteúdos a serem estudados, apesar de eu esperar algumas diferenças nas respostas dos entrevistados, o resultado foi equivalente para os três docentes. Foi relatado que a Secretaria Municipal de Educação em conjunto com uma equipe de professores convidados de cada escola determina os temas geradores a serem trabalhados nas escolas e também os conteúdos mínimos. Em seguida, os professores de cada núcleo escolar se reúnem para avaliar a forma de apresentação dos temas interdisciplinares. Após esta etapa cada professor determina a abordagem dos temas em suas disciplinas fazendo a escolha dos conteúdos que sejam determinantes para as tarefas que os estudantes terão de efetuar nas atividades propostas. A forma com que cada conteúdo é abordado depende de cada professor.

Nas respostas dos três professores foi possível verificar que todos valorizam atividades em que os alunos tenham uma participação maior, usando aulas expositivas em menor escala do que, por exemplo, professores de escolas onde atuei como estagiário. Um exemplo disso está no relato da professora Marina que

citou o último tema gerador com o qual trabalhou: as eleições municipais. Em toda a escola ocorreram atividades análogas às que ocorrem nas eleições (escolha de candidatos, debates, pesquisas de opinião, etc.), e cada disciplina fez a sua relação com o tema. No caso da matemática foi trabalhado com as questões de porcentagem, análise de gráficos e tabelas, médias e estimativas. Nas escolas visitadas os professores têm papel determinante na escolha dos conteúdos e essa possibilidade é valorizada por eles.

Na oitava pergunta, sobre as dificuldades das quais os alunos reclamam, a professora Marina relatou que seus alunos não apresentam muita dificuldade, mas que em geral seus alunos reclamam quando têm de apresentar atividades escritas que exijam interpretação de algum assunto. Eles têm resistência a estudar profundamente os assuntos propostos e associado a isso há uma grande dificuldade de escrita por parte deles. Então a ideia de apresentar algum raciocínio de forma escrita torna-se um incômodo para os estudantes.

Para a professora Elisa há dificuldades de base, o que constitui um grande problema para que muitos assuntos sejam compreendidos pelos alunos. Ela salientou as aprovações que possibilitaram a cada aluno a presença na série atual, sempre com muitas dificuldades e sem um aprendizado sólido. Tais aprovações fizeram com que eles chegassem até o estágio em que se encontram sem ter formado uma base de pensamento matemático que lhes permita compreender o assunto mais avançado que estejam estudando. O professor Wagner aponta as dificuldades de base relatadas pela professora Elisa, mas também fala da dificuldade dos alunos com relação à assuntos que exigem alguma abstração. Para ele tudo que “foge do palpável, do visualizável” representa grande dificuldade para os alunos. Como eles não construíram satisfatoriamente a parte cognitiva concreta, o abstrato fica muito comprometido.

Em seguida, foi perguntado aos professores sobre suas percepções acerca do aproveitamento dos conteúdos pelos alunos. Na opinião do professor Wagner o aproveitamento é muito pequeno. Ele afirma que seus alunos preocupam-se apenas em atingir os objetivos quantitativos, ou seja, estão preocupados com a nota para a aprovação. O esforço dos estudantes é o mínimo necessário para obterem a nota de aprovação, seja em provas ou trabalhos. Para a professora Elisa não há grandes dificuldades que mereçam ser ressaltadas no que diz respeito à assimilação de conteúdos. Ela aponta que seus alunos tem um bom envolvimento nas atividades

relacionadas aos projetos e com isso conseguem ter um bom aproveitamento no aprendizado dos conteúdos. A professora relata que há alguns alunos de inclusão (alunos com necessidades especiais) e que estes apresentam dificuldades. Entretanto suas avaliações são diferentes das dos outros alunos⁴. A professora Márcia considera como satisfatório o nível de aprendizado e aproveitamento dos conteúdos, pois como há tempo para se trabalhar as questões dos projetos, ao final deste período os estudantes conseguem apresentar um bom nível de assimilação do que foi proposto.

Na pergunta relacionada às atividades desenvolvidas além das aulas expositivas os três professores mencionaram as atividades relacionadas aos projetos dos temas geradores. Como os temas são amplos e envolvem todas as disciplinas, muitas vezes são desenvolvidas atividades nas quais os alunos interagem de forma ativa, como no caso das eleições relacionado pela professora Marina. A professora Elisa também mencionou em sua entrevista uma das suas atividades neste ano letivo que envolvia loteamento, construção de casas, etc., em que seus alunos deveriam fazer medições de terrenos, cálculos de áreas, etc.

O professor Wagner relatou atividades que são desenvolvidas fora da escola, como visitas a empresas ou outras instituições de ensino que possuem cursos de formação profissional. Ele contou que a unidade de Canoas do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC) constantemente convoca a escola para expor aos alunos as oportunidades de cursos de capacitação profissional que estejam iniciando na instituição. Este trabalho tem a utilidade de apresentar aos alunos uma opção para qualificação e serve como incentivo à continuidade dos estudos por parte dos estudantes. Essas atividades relatadas pelo professor Wagner também ocorrem na Escola Fátima. A professora Elisa comentou que acontecem palestras de instituições de formação profissional e que o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) também convoca os alunos para conhecerem os cursos profissionalizantes e a escola organiza visitas à instituição.

Na pergunta sobre materiais de apoio, a professora Marina relatou que são utilizados jogos e a sala de informática como material de apoio. Além destes, utiliza livros didáticos, mas não em todas as aulas. Quando considera necessário, utiliza livros da biblioteca da escola, mas livros que são do ensino regular. Já existiram na

⁴ A professora não relatou como se dá essa avaliação diferenciada.

Escola Mato Grande livros didáticos para a EJA, mas atualmente não são mais utilizados apesar de se encontrarem na escola.

A professora Elisa utiliza textos e matérias de jornais relacionadas ao tema de estudo que esteja trabalhando, mas o que achei interessante foi a menção da professora à utilização das vivências dos alunos fazendo com que eles participem ativamente das aulas relatando alguma experiência pessoal relacionada ao tema de estudo ou à resolução de uma situação-problema.. Como nas aulas há bastante interação da professora com os alunos, a participação dos estudantes ocorre com naturalidade. Isso permite que a professora conheça um pouco de cada aluno e perceba a sua realidade e a possível utilização de algum fato de suas experiências no estudo de algum conteúdo.

O professor Wagner relatou que na escola onde atua há grande disponibilidade de materiais de apoio. Existem um laboratório de informática, onde podem ser desenvolvidas atividades relacionadas aos projetos, recursos audiovisuais, livros didáticos de ensino regular e também livros de EJA que podem ser utilizados pelos alunos. É importante ressaltar que o professor mencionou a **possibilidade** de uso, ou seja, não é imposta a utilização dos livros. O docente utiliza no momento em que entender que seja necessário, por exemplo, quando trabalha com um assunto novo e quer que os alunos leiam a explicação deste assunto, ou para aproveitar uma figura que os alunos possam visualizar durante a discussão de um conteúdo. Com as respostas a esta pergunta podemos avaliar que, em geral, há boas possibilidades uso de materiais de apoio nas escolas visitadas e que os professores, também neste aspecto, possuem autonomia para definir o que, e quando, desejam utilizar. No entanto, o professor Wagner observou que algumas vezes fica complicado de se utilizar certos artifícios por falta de planejamento. Segundo o professor, suas cargas horárias de trabalho em sala de aula ocupam todo o tempo em que está na escola e isso impede que ocorra um planejamento adequado para a utilização de todos os recursos disponibilizados.

Na pergunta sobre avaliações a professora Marina foi enfática na questão da utilização de provas. Para ela é necessário a avaliação seja feita desta maneira por conta da falta de seriedade dos alunos. A docente considera que os alunos adquirem um maior compromisso com relação à aprendizagem por conta das provas e isso, no seu ponto de vista, contribui contra a evasão. Ela observa que em disciplinas onde as avaliações são mais flexíveis, os estudantes faltam muito às aulas e que em suas

turmas a frequência é boa. Ela também utiliza outras formas de avaliação, como os trabalhos e relatórios de atividades dos projetos, mas as provas são as principais. A professora Elisa avalia presença, participação em aula, provas, produção escrita⁵, entre outras formas de avaliar seus alunos. Para a professora é muito importante o interesse que o aluno demonstra nas aulas e nas atividades propostas.

Para o professor Wagner as avaliações devem verificar a habilidade do alunos em articular diferentes conhecimentos, como por exemplo, na resolução de uma situação-problema. Também utiliza testes individuais para avaliar seus alunos, e sempre permite que eles façam consultas ao seu material ou ao livro didático, dependendo da avaliação. Além dos testes, o professor Wagner faz uso de trabalhos escritos em sala de aula. Não têm muito interesse por provas individuais sem consulta por considerar que nas tentativas de se utilizar esta forma de avaliação o resultado não foi satisfatório.

Na resposta à última pergunta, que questionava qual o desejo de cada professor para seus alunos, o professor Wagner gostaria que seus alunos pudessem ter um entendimento sobre o que lhes é apresentado na escola, considerando possibilidades de adquirirem uma formação adequada para o mercado de trabalho que possa mudar suas realidades de vida. Gostaria também que os alunos se desapegassem da dependência do assistencialismo. Ele comentou que muitos alunos e suas famílias utilizam os benefícios do governo, como bolsa família e bolsa escola, como estratégia de sobrevivência. E considera que muitos estudantes que estudam na escola não estão tirando proveito dessa fase de aprendizado e das oportunidades que estão sendo oferecidas por instituições externas à escola, como as que foram relatadas na sua resposta à décima pergunta. Ele considera que o aproveitamento destas oportunidades ajuda na valorização da escola.

A professora Marina espera que seus alunos se sintam estimulados a continuar seus estudos, concluir o nível fundamental, se encaminhar para o ensino médio e depois cursar uma faculdade. Mas, além disso, espera também que “seja plantada uma semente de paz dentro deles”. Ela considera que os alunos estão com um comportamento muito violento e busca, em seu trabalho, conseguir envolvê-los no pensamento de desenvolver uma boa índole, de saber conversar e conviver com as pessoas. Ela diz aos alunos que “não adianta nada saber tudo de cálculo e usar

⁵ Produção escrita relacionada a textos utilizados pela professora para o estudo de determinado assunto. A professora avalia a compreensão do aluno sobre o texto estudado.

isso para enganar as pessoas”. Então, ela espera que seus alunos possam sair da escola e tornarem-se pessoas de bem e aptas a viver dignamente em sociedade.

Para a professora Elisa a esperança é de que seus alunos possam se libertar da realidade de conviver com as drogas. No bairro onde se localiza a escola Fátima a criminalidade está muito presente e afeta diretamente a vida dos alunos que a frequentam. Ela espera que eles consigam aprender os ensinamentos da vida escolar e que possam “ser diferentes daquilo que imaginam que serão, e muitos serão aquilo que os outros pensam que eles serão”. A esperança da professora é que os alunos consigam reverter esse pensamento e mudar suas perspectivas e que eles sejam diferentes do que a sociedade imagina que eles serão.

As respostas à esta pergunta me levaram à reflexão de que mesmo estando em bairros com realidades diferentes e sendo frequentadas por alunos diferentes, há uma questão de criminalidade e violência presente nesses três espaços escolares. A expectativa e os desejos dos três professores são similares. Eles esperam que seus alunos mudem suas perspectivas de futuro. Que possam sair da escola como seres humanos melhores e como cidadãos de bem e para isso colocam seus trabalhos à disposição e empenham seus esforços.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a etapa de planejamento deste Trabalho quando iniciei minhas reflexões sobre minhas experiências nas disciplinas de práticas de ensino, fiz uma inserção mais aprofundada no ambiente da Educação de Jovens e Adultos. Minha intenção era conhecer melhor a realidade do ensino das pessoas que tiveram menos oportunidades, ou que tiveram um aproveitamento ruim nos seus primeiros anos de escola e que voltaram à ela na tentativa de recuperar um pouco do tempo que deixaram de estar empenhados na sua formação. Ou seja, um público que merece muita atenção.

Considerei importante conhecer a proposta do Ministério da Educação para essa modalidade de ensino. Ao conhecer um pouco mais da EJA durante a execução do trabalho precisava de uma base para saber se o que estava conhecendo era condizente com o que o órgão responsável pela educação no país prega.

As propostas para a Educação de Jovens e Adultos (BRASIL, 2002a), (BRASIL, 2002b) apresentam possíveis formas de trabalho, bem como temas importantes de serem desenvolvidos pelas escolas na formação de seus discentes. Algumas práticas a serem adotadas também são explicitadas nesses documentos. Destaco a menção feita quanto à importância do desenvolvimento da capacidade de resolução de problemas e à articulação com temas transversais.

Resolução de problemas é importante para a vida. Estamos quase que diariamente em contato com situações-problema e sua resolução é importante para que o ser humano rompa suas barreiras e atinja níveis mais elevados de desenvolvimento.

A articulação dos conteúdos matemáticos com outras disciplinas ou áreas de conhecimento é fundamental para que os estudantes reconheçam a importância da matemática para a humanidade, a sua participação em outras ciências e em situações corriqueiras de nosso cotidiano. Precisamos entender como funciona o mercado financeiro; como são empregados pelos governos os recursos públicos arrecadados através dos nossos impostos e que devem gerar benefícios para todos os cidadãos; que consequências sofreremos ao tomar uma quantidade errada de determinado remédio, ou saber que quantidade de tinta será necessária para fazer a

pintura da nossa casa. A matemática ajuda a entender a vida (!), daí ser preciso conhecê-la.

Além das duas práticas citadas acima destaco a importância do recurso às tecnologias de informação e comunicação, aspectos dos quais não podemos prescindir. Os equipamentos eletrônicos já fazem parte do nosso cotidiano e saber utilizá-los de forma associada ao conhecimento, mais do que por mera diversão abre novas oportunidades para os estudantes no futuro.

Embora a proposta curricular do Governo Federal para a EJA seja esclarecedora quanto às intenções e apresente aspectos interessantes quanto ao que deve ser adotado na rede de ensino, os investimentos correspondentes necessários à melhoria do ensino não estão sendo feitos, e isto inclui a formação de professores. As metas traçadas para esta modalidade de ensino no Plano Nacional de Educação não foram alcançadas nos últimos anos (PIERRO, 2010). Esta situação impede a melhoria nas condições da Educação de Jovens e Adultos.

Com a análise das respostas dos professores esperava esclarecer algumas dúvidas que tinha durante as disciplinas voltadas aos estágios de docência. Portanto a fase de formulação das perguntas se tornou muito importante, pois sabia que precisaria esclarecer alguns aspectos importantes do trabalho dos professores e sobre o funcionamento das escolas em uma conversa que não poderia tomar muito tempo dos entrevistados.

Após a elaboração das perguntas pude fazer as entrevistas com professores de três escolas do Município de Canoas. Nas experiências com os estágios tive contato apenas com escolas estaduais, por isso fiz a opção por conversar com professores do município onde resido, visando conhecer as condições da EJA em minha cidade.

A fase das entrevistas me surpreendeu, pois esperava por um pouco de dificuldade quanto ao aceite das escolas, ou dos professores em participar das conversas, ou quanto ao agendamento para os encontros. Isto, felizmente, não ocorreu. A receptividade que tive pelas escolas e pelos docentes entrevistados foi muito boa de maneira geral. As entrevistas foram muito produtivas e os professores responderam às questões de forma aberta e com bastante conteúdo. A questão do tempo para as conversas não atrapalhou. Apenas na segunda escola tive que apressar a última pergunta pois a professora preferiu dar a entrevista na sala de aula e ao final, os alunos já estavam entrando na sala para o início do período.

Antes de iniciar o Trabalho, eu tinha algumas questões pessoais para as quais buscava respostas. Uma delas era se os professores de EJA tinham satisfação pelo seu trabalho. Quando cursei as disciplinas de Laboratório de Prática de Ensino e Aprendizagem e Estágios em Educação Matemática conheci alguns professores que me passaram a imagem de desinteresse ou de falta de motivação. As respostas dos professores entrevistados me levaram a outro pensamento. Notei nestes docentes uma grande satisfação por estarem trabalhando na EJA. Talvez exista esta diferença de sentimentos por que a realidade que eu conheci nas disciplinas que cursei envolvia escolas estaduais, enquanto as escolas pesquisadas neste Trabalho são municipais. O fato é que, como disse Freire (1996, p. 67), “não posso desgostar do que faço sob pena de não fazê-lo bem”. É preciso, então, sempre tentar fazer o melhor para atingir um resultado satisfatório.

Outra inquietação que eu tinha ao início do TCC e que me acompanhava desde as disciplinas de prática dizia respeito ao que pensam os professores com relação a seus alunos e quais suas inquietações. Neste assunto as entrevistas me fizeram considerar que a grande inquietação dos professores é a violência que circunda o ambiente escolar da EJA. Nenhum dos entrevistados relatou episódios de ameaças ou de confronto com alunos. A inquietação dos professores diz respeito à violência entre os próprios alunos. A mensagem dada indiretamente pelos professores na última pergunta demonstra seu interesse com a questão da violência. Desejam muito que seus alunos possam sair desta realidade e ter uma vida digna em sociedade.

A questão das drogas que está presente principalmente nas escolas das regiões de periferia, também pode ser inserida neste rol de inquietações. Com relação ao seu trabalho em sala de aula não há maiores problemas.

Encerro este Trabalho de Conclusão de Curso com o pensamento de que atuar como professor na Educação de Jovens e Adultos é uma tarefa social de grande importância para a sociedade e disto nunca tive dúvida. Também fico com o pensamento de que trabalhar com a EJA pode ser uma atividade satisfatória em termos de realização profissional e fico com a esperança de que as condições das escolas possam melhorar. Que se façam investimentos na formação de novos professores e que sejam enfatizados alguns aspectos fundamentais relativos à essa modalidade de ensino. E que também se invista na formação continuada dos professores para que seu trabalho seja aprimorado ao longo do tempo.

Quanto à produção deste Trabalho, considero que ele tenha contribuído para mudar a minha visão com relação à Educação de Jovens e Adultos. Conhecia apenas uma pequena parte de um grande conjunto de escolas que desenvolve seu trabalho com esta modalidade de ensino. Pude ampliar um pouco esta experiência e conhecer escolas que possuem recursos básicos para educar com qualidade e onde os professores estão satisfeitos com a sua profissão. Existem problemas? Sim! E Muitos. Mesmo assim, consegui ver professores motivados a desenvolver um bom trabalho e confiantes em uma melhora na formação estudantil e pessoal de seus alunos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental**: 5a a 8a série: introdução / Secretaria de Educação Fundamental, Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental, vol. 1, 2002a.

BRASIL, **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos: segundo segmento do ensino fundamental**: 5a a 8a série: introdução / Secretaria de Educação Fundamental, Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental, vol. 3, 2002b.

BRUNEL, C. **Jovens Cada Vez Mais Jovens na Educação de Jovens e Adultos**, Porto Alegre: Mediação, 2004.

PIERRO, M. C. D. **A Educação de Jovens e Adultos No Plano Nacional De Educação: Avaliação, Desafios e Perspectivas**, *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 112, p. 939-959, jul.-set. 2010.

YIN, R. K.; GRASSI, D. [tradução] **Estudo de Caso – Planejamento e Métodos**. UFSC, 2005. Disponível em:
<<http://soniaa.arq.prof.ufsc.br/arq1001/metodologiacinetificaacaplicada/met2008/yin.pdf>>

DAYRELL, J. T. **A Escola Como Espaço Sócio-cultural**, In: DAYRELL, J. (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**, São Paulo: Paz e Terra, 1996.

6. APÊNDICES

Apêndice A: Questionário de entrevista

Questionário de entrevista

- 1) Há quanto tempo trabalhas com EJA?
- 2) Durante a graduação imaginavas que trabalharias com EJA?
- 3) Quais as principais dificuldades que tens encontrado no trabalho com jovens e adultos?
- 4) Como são teus alunos em geral (perfil socioeconômico)?
- 5) Que vantagens tens encontrado no teu trabalho?
- 6) Os alunos apresentam algum tipo de resistência com relação a alguma atividade proposta?
- 7) Por quem e como são definidos os conteúdos a serem estudados?
- 8) De que dificuldades teus alunos mais reclamam quando estão em aula?
- 9) Na tua visão, como é o aproveitamento do conteúdo pelos alunos?
- 10) Que tipos de dificuldades tu mais observas em teus alunos com relação à Matemática?
- 11) Que tipos de atividades são desenvolvidas além das aulas?
- 12) Que materiais de apoio são utilizados (livros, jogos, softwares)?
- 13) De que forma são feitas as avaliações?
- 14) Qual teu desejo para teus alunos?

Apêndice B: Formulário de consentimento de trabalho de conclusão de curso

Formulário de Consentimento de Trabalho de Conclusão de Curso

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem os seguintes objetivos:

- a) Preencher requisito para a colação de grau, visto que o TCC é obrigatório para todos os alunos de Licenciatura em Matemática da UFRGS;
- b) Verificar o sentimento de professores de Matemática da Educação de Jovens e Adultos para com seu trabalho e condições de trabalho.

Eu, _____, entendo que:

(participante do estudo)

1. A informação obtida ao longo de nossos encontros será utilizada para a escrita deste Trabalho, que poderá ser disponibilizado aos interessados em sua área de pesquisa;
2. Nomes próprios serão utilizados na escrita apenas com a autorização dos participantes;
3. Fotos serão utilizadas no Trabalho apenas com a autorização dos participantes;
4. Receberei uma cópia da versão final do Trabalho após sua conclusão, se assim o desejar;
5. Tenho o direito de abandonar este Trabalho a qualquer momento. Neste caso, as informações obtidas de mim ao longo do mesmo me serão devolvidas imediatamente;
6. Este consentimento pode ser revisto de acordo com as contingências do Trabalho;

Eu (permito/não permito) ao pesquisador a gravação ou a filmagem de entrevistas com um gravador ou uma filmadora.

Assinatura do participante: _____

Eu (permito/não permito) ser citado com ou sem menção específica.

Assinatura do participante: _____

Eu concordo em participar deste Trabalho de acordo com os termos precedentes.

Assinatura do participante: _____

Data: _____

Eu concordo em conduzir e relatar este Trabalho de acordo com os termos precedentes.

Assinatura do pesquisador: _____

Data: _____